UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

VANESSA FERREIRA DA SILVA SANTOS

PRÁTICA DE LEITURA:
UM MOVIMENTO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

CAETITÉ
2018

VANESSA FERREIRA DA SILVA SANTOS

PRÁTICA DE LEITURA:
UM MOVIMENTO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus* VI.

Orientadora: Prof.ª Dra. Esmeralda Guimarães Meira

CAETITÉ
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

SANTOS, Vanessa Ferreira da Silva.

PRÁTICA DE LEITURA: UM MOVIMENTO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Ciências Humanas – Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade do Estado da Bahia.

1 Introdução. 2. Um breve panorama histórico da leitura. 2.1 Leitura e escrita: uma relação interdisciplinar. 2.2 Práticas de leitura na sala de aula. 3. O topo da leitura pelo caminho da dialética. 3.1 O prazer de ler. 3.2 Leitura: um movimento dentro e fora da sala de aula. 3.3 A leitura literária convida. 4. A leitura como formadora de uma práxis educativa. 4.1 A práxis e a leitura emancipatória. 4.2 A leitura mediada. 5. Considerações finais.

VANESSA FERREIRA DA SILVA SANTOS

TERMO DE APROVAÇÃO

PRÁTICA DE LEITURA:
UM MOVIMENTO FORA E DENTRO DA SALA DE AULA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus* VI.

Orientadora: Prof.ª Dra. Esmeralda Guimarães Meira

Aprovada em: 14 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Esmeralda Guimarães Meira – Universidade do Estado da Bahia - UNEB

_____
Examinadora: Profª. Rozânia Alves Magalhães - Universidade do Estado da Bahia - UNEB

_____
Examinador: Prof. Me. Ginaldo Cardoso de Araújo - Universidade do Estado da Bahia - UNEB

CAETITÉ
2018

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer as dificuldades, não permitindo que eu desista nunca frente a todas as barreiras.

A minha família por todo apoio que me dão, em especial, a minha mãe Maria Aparecida e meu pai Luís Pereira, ao meu irmão Maicon Ferreira e ao meu marido Adeildo Pereira e meu grande amor, meu filho Luís Orlando, que nunca deixaram de acreditar em mim.

A minha orientadora Esmeralda Guimarães Meira, que adoro muito e me ajudou bastante em tudo até o último momento. Que Deus abençoe sempre ela.

Agradeço a professora Mírian Ribeiro pelas suas belas palavras, que nunca irei esquecer por ter dito que eu era capaz de seguir em frente, mesmo com as quedas da vida, eu conseguiria me levantar.

A minha amiga Júlia que, mesmo distante, sempre esteve me incentivando. Não poderia esquecer também da minha colega Eliene Batista, sempre presente nessa jornada, e também agradeço aos meus demais colegas Gilvan, Thais Cindy entre outros.

As minhas tias e tios, primos e primas, minha sogra e meu sogro, sobrinhos (as) e minhas cunhadas que sempre acreditaram que seria capaz.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se como um trabalho de conclusão de curso, sendo seu título “Prática de leitura: um movimento dentro e fora da sala de aula”. A escolha pelo objeto de estudo desta pesquisa nasceu das inquietações vivenciadas nas experiências de Estágio Supervisionado e como bolsista do PIBID. A questão que impulsiona esta pesquisa é saber quais estudos estão sendo desenvolvidos no que diz respeito aos desafios que professores enfrentam ao trabalhar com a leitura dentro e fora da sala de aula, em especial, quando se entende leitura como um processo dialético, prazeroso e emancipador. Ao longo desse trabalho, tivemos como objetivos, apresentar algumas concepções históricas de leitura; destacar a importância da prática leitora como formadora de uma práxis educativa; analisar propostas de práticas emancipatórias da leitura; reconhecer a dialética como método científico e proposta de prática educacional; interpretar a leitura como mola propulsora do conhecimento e da formação crítica dos sujeitos em uma sociedade. A fundamentação teórica desta pesquisa se alicerça na concepção de dialética, enunciada por Gadotti (2001) e Konder (1993); o conceito de leitura, na perspectiva emancipatória de Freire (1987), e como ato de prazer de Lajolo (1982,1996), Zilberman (1986, 2001), Silva (1997,1998), Kleiman (1992, 1995), em diálogo com outros autores da leitura literária, como Martins (1982; 1994) e Yunes (1995; 2009). Com relação ao método, pode-se afirmar que esta pesquisa é um exercício da dialética, construída processualmente, buscando em si mesma não apenas a exposição, mas a aplicação dos princípios metodológicos. Os resultados apontam para a importância do uso da leitura como fator preponderante na formação intelectual e humana dos sujeitos, sendo a escola um dos principais espaços em que o exercício contínuo da leitura desperta o interesse dos educandos, contribuindo, significativamente, com a sua formação para além da sala de aula e da escola.

Palavras-chave: Leitura. Prática emancipatória. Professor mediador. Dialética.

ABSTRACT

This study is a final course work which title is, ‘Reading Practice: The in and out movement in classroom’. The chosen subject of this research came from experiences lived in Supervised Practice class and from PIBID scholarship . The main question that move this research is based on knowing what studies have been developed on challenges which teachers have to face up to work with reading in and out classroom, specially when it is understood reading as pleasant, emancipated and dialectical process. During this work we search to introduce some historical reading conception, give emphasis to reading practices as educational praxis maker, analyze practical and emancipatorial reading proposal, recognize dialectic as a scientific method and educational practice proposal,understand how dialectic as a scientific method and a proposal of educational practice, understand reading as a driving force of knowledge and critical formation from members of society. Theoretical studies is based on dialectic conception y Gadotti and Konder (1993). the concepts on reading came from emancipatoric perspectives by Freire, and reading as a pleasant act from Lajolo , Zilberman, Silva, Kleiman, which ones made dialogues with authors ideas of literary reding as Martins, Yunes. In relation to the method, it can be said that this research is an exercise of dialectic which was processually done in searching of not only exposition but the methodological principles of application. The results show the importance of reading uses as a preponderant factor in intelectual and human formation of individuals and show how school is one of the more important place where continuous exercises of reading awakens students´interest that will contribute significantly to their formation in and out classroom.

KEY WORDS: Reading**:** Emancipatory Practice. Medianting Teacher. Dialectics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
2. UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA LEITURA 12
2.1 Leitura e escrita: uma relação interdisciplinar 15
2.2 Práticas de leitura na sala de aula 18
3. O TOPO DA LEITURA PELO CAMINHO DA DIALÉTICA 23
3.1 O prazer de ler 26
3.2 Leitura: um movimento dentro e fora da sala de aula 29
3.3 A leitura literária convida 34
4. A LEITURA COMO FORMADORA DE UMA PRÁXIS EDUCATIVA 40
4.1 A *práxis* e a leitura emancipatória 43
4.2 A leitura mediada 46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 48
6. REFERÊNCIAS 50

1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo objeto de estudo desta pesquisa nasceu das inquietações vivenciadas nas experiências de Estágio Supervisionado e como bolsista do PIBID, (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência), além das reflexões relacionadas às minhas próprias dificuldades como graduanda do Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, advindas da minha formação nas mesmas condições em que se encontram os sujeitos que hoje estudo.

Ao observar, nas séries Iniciais do Ensino Fundamental, a dificuldade que professores e alunos têm na sala de aula, no que diz respeito ao acesso à leitura, dificuldade essa que acarreta o desinteresse pela matéria, afasta o prazer de ler, fora e dentro da escola, resultando em falhas na escrita (como dificuldades ortográficas) e na compreensão de textos, nas poucas construções textuais que desenvolvem. Diante disso, surgiu o interesse em realizar uma pesquisa sobre a importância das práticas de leitura em sala de aula.

Em uma sociedade em que ler e escrever estão presentes a todo o momento, é sempre necessário ter acesso à informação, compreender e saber usá-la criticamente. Nesse contexto, a escola tem o papel de educar os alunos, para viverem de forma crítica na sociedade.

O ato de ler e suas peculiaridades tornaram-se um dos assuntos mais debatidos em sala de aula, suscitando em nós a vontade de adentrar no universo da leitura. Ainda mais, partindo da noção de que a sala de aula pode ser um *lócus* propício para suscitar no aluno essa prática, sendo o professor um possível e poderoso mediador e condutor do processo inicial de leitura do educando. Além disso, a criatividade, imaginação e ampliação do universo pessoal e da capacidade de reinventar a realidade, representada pela leitura, proporcionados pelo contato com o universo literário, presentes a todo o momento nesta temática, ainda pode instrumentalizar o leitor para compreender e utilizar a informação e o saber em seu cotidiano.

Contudo, para se atingir esses objetivos, observou-se um horizonte com inúmeros desafios. Diante das necessidades e das lacunas, surgiram as inquietações e a vontade de buscar entender o processo da leitura em sala de aula, uma vez que os sujeitos com os quais lidamos no dia a dia já realizam uma série de leituras necessárias à suas vidas. E para entender e contribuir com uma perspectiva

em que a dinâmica da leitura não se restringe ao que é oferecido pela escola, questiona-se: quais estudos estão sendo desenvolvidos por teóricos do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura no que diz respeito aos desafios que professores enfrentam ao trabalhar com a leitura, em especial, quando se entende leitura como um processo dialético, prazeroso e emancipador, dentro e fora da sala de aula?

Para responder a essa problemática, foram realizadas pesquisas que tornaram possível entender como o processo da mediação da leitura na sala de aula é importante e necessário. Considerando as diversas possibilidades para responder ao questionamento proposto no campo de saber da literatura e de língua portuguesa, entendemos que existem vários desafios a serem vencidos em relação ao ensino da leitura de forma prazerosa e emancipadora. Dessa forma, a alternativa que se apresenta está centrada na dialética, tanto como método para a pesquisa, como alternativa que preenche as lacunas de um campo educativo tão fragilizado como o espaço da leitura; espaço não apenas físico, mas em nossas ações, em nossas prioridades.

Sendo assim, a fundamentação teórica desta pesquisa se alicerça na concepção de dialética, enunciada por Gadotti (2001) e Konder (1993); o conceito de leitura, na perspectiva emancipatória de Freire (198,1989,1996, 2004), e como ato de prazer de Lajolo (1982,1996), Zilberman (1986, 2001); Silva (1997,1998); Kleiman (1992, 1995), em diálogo com outros autores da leitura literária, como Martins (1982, 1994) e Yunes (1995; 2009), autores (as) que se dedicam ao estudo da leitura, das práticas leitoras e do papel do professor como mediador e incentivador do hábito de ler.

Com o objetivo de conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema, a proposta foi utilizar a pesquisa bibliográfica, recorrendo-se a autores estudados durante o curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas no *campus* VI da UNEB. Todo material recolhido passou por uma triagem, a partir da qual foi possível estabelecer um plano de leitura. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se fez acompanhada de anotações e fichamentos que serviram para embasamento teórico deste estudo. Os dados foram organizados e analisados de forma a atender aos objetivos: geral e específicos.

Nesse sentido, Fonseca (2002) aponta sobre a importância da pesquisa bibliográfica, que permite ao investigador fazer uma busca mais detalhada sobre o assunto. Segundo ele,

> A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Desse modo, é importante salientar que, através destes estudos, podemos trazer resultados satisfatórios. É válido frisar que foi através da experiência vivida no estágio supervisionado que pude colocar em prática os conhecimentos aprendidos durante o curso; constituindo-se como o momento de relacionar teoria e prática, visando alcançar à práxis educativa, almejada por todo licenciando que vê na educação um caminho para a aprendizagem.

Este estudo, além das considerações iniciais e finais, considerada primeira e última seção, respectivamente, conta também com mais três capítulos, cada um buscando atender aos objetivos específicos: o primeiro capítulo, ou segunda seção, tem como foco apresentar um breve panorama histórico da leitura, dedica-se à discussão da leitura e escrita como uma relação interdisciplinar e ainda expõe o que se tem estudado sobre a prática de leitura na sala de aula.

O segundo capítulo, ou terceira seção, adentra ao campo metodológico, apresentando “O topo da leitura pelo caminho da dialética”, e traz três subseções nas quais apresenta a questão do prazer no ato de ler, a leitura literária como um convite ao leitor e ainda destaca que a leitura é um movimento dentro e fora da sala de aula.

Já em relação ao terceiro capítulo, ou última seção, objetiva-se apresentar como resultado algumas análises dos dados obtidos, proposições balizadas por teóricos da leitura e das linguagens. O tópico “A leitura como formadora de uma práxis educativa” trabalha a relação teoria e prática no caminho da práxis educativa, Esta seção confirma a necessidade da leitura como prática emancipatória e destaca a importância da mediação crítica dos formadores de leitores, indicando ainda que tais processos deverão acontecer de forma prazerosa e crítica.

A teoria que alicerça essa pesquisa considera a leitura como fonte de

aprendizagem, como ferramenta imprescindível para a relação entre os sujeitos envolvidos no processo ensino e aprendizagem, além de reforçar a possibilidade do ato de ler como um instrumento indispensável para a reflexão/ação dos envolvidos. Os autores citados anteriormente também reforçam a ideia do professor mediador, uma vez que a pesquisa bibliográfica elucida o perfil do profissional que lida diretamente com o ato da leitura em sala de aula, podendo tornar-se um motivador ou não da prática leitora na atualidade.

Embora a leitura seja um tema corriqueiro, principalmente nos cursos de Letras e Pedagogia, entende-se que, se há necessidade de falar sobre ele, isso significa que ainda não foi suficientemente estudado ou que ainda não se tem certezas de quais chaves abrem as portas para o ensino e aprendizagem da leitura em sala de aula.

Este estudo poderá contribuir com a prática docente a partir do momento que se traz à discussão uma reflexão sobre a formação leitora e o papel do professor nessa atividade educativa, sendo capaz de dar sentido às suas atividades a partir de práxis educacional.

Considera-se ainda que, assim como o processo de ensino e aprendizagem da leitura depende do movimento dinâmico entre leitor, texto, contextos, instrumentos, métodos, etc. O percurso trilhado nessa pesquisa se faz dinâmico, pois conta com todos esses elementos e suas intrínsecas relações, o que resulta em um trabalho que não tem um fim em si, mas apresenta proposições ao par ensino/aprendizagem, permeado pela leitura.

Na seção seguinte será abordado um panorama histórico da leitura com o intuito de enfatizar a relevância de um trabalho (com as práticas de leitura) que torne os cidadãos mais críticos e reflexivos dentro e fora da sala de aula.

2 UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA LEITURA

A leitura é uma ação que está presente em quase todos os ambientes da sociedade, sendo que é através dela que o sujeito consegue refletir sobre suas ideias, ampliar seu conhecimento e visão de mundo, aprimorar a escrita, vocabulário, além das inúmeras possibilidades proporcionadas pela experiência leitora.

Essa prática sempre foi algo de fundamental importância para o indivíduo, pois a vida em sociedade é marcada pelo contato com diversas leituras. Se o processo de leitura mudou, desde a era de Gutemberg até o advento da alta tecnologia, as necessidades dos sujeitos também vão se modificando, muitas vezes ampliadas, dada a importância de sua inserção na sociedade em cada tempo histórico. Dessa maneira, se textos povoam a nossa vida, é primordial que consigamos abstrair deles informações e nos tornemos capazes de manifestar opiniões para defender pontos de vista.

O processo de abstração da leitura tem início logo que nascemos. Não é à toa que Martins (1982, p.11) o compara com a percepção de um bebê “[...] entre o berço e o abraço materno”. Essas marcas são os primeiros passos a definir um sujeito leitor. Isso nos mostra que, na visão desta autora, a leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo a nossa volta.

Para Freire (1989, p.8), “[...] aprender a ler, escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. A leitura de mundo é tudo aquilo que está à nossa volta desde a leitura de um livro a um simples passar de olhos em uma figura ou imagem, uma propaganda, um noticiário, mas também é saber entender o que se passa ao nosso redor, ser questionador e crítico em tudo que vivemos. Etimologicamente, a palavra Leitura deriva do Latim "*lectura*", originalmente com o significado de "eleição, escolha".

A perspectiva histórica começou quando o homem primitivo lia os sinais deixados nas cavernas, por meio de desenhos rabiscados com pedras, galhos ou qualquer outro instrumento ou artefato pontiagudo que conseguisse criar para servir-lhe. Tais mensagens eram deixadas nas paredes das cavernas, em pedras externas

ou mesmo em cascas de árvores. Se ele deixava algo rabiscado, outro “alguém” o leria e entenderia a mensagem. Esse alguém já era um “leitor”, mesmo sendo de imagens significantes, e com isso o homem foi progredindo no desenvolvimento do que posteriormente seria o processo de escrita-leitura.

A prática da leitura acontecia em parte impulsionada pelas ações comerciais, através das necessidades de ter algo escrito, como por exemplo, os registros contábeis, transações, escrituras, expedição de documentos oficiais, entre outros. Para isso, houve também a contribuição dos gregos, na consolidação da leitura e da escrita nas sociedades, conforme salienta Fischer (2006, p. 51), “[...] a leitura não era mais um simples recurso de memória, mas um canal autônomo para a transmissão de informação, interpretação e criação”.

Na Grécia, a leitura era apenas para os filósofos e os aristocratas; na Idade Média, era dentro dos monastérios medievais que ficavam as únicas bibliotecas e escolas, somente com livros permitidos pela igreja e a inquisição. Com o passar do tempo, a educação formal ficou limitada ao clero, essas leituras serviam para formar os religiosos, sendo que as pessoas que não tivessem a intenção de entrar para o clero, não teriam o privilégio da leitura.

A monarquia se constituía também como uma grande privilegiada no aspecto do acesso à leitura, já que reis e rainhas tinham a obrigação de passar por uma rigorosa educação dada por preceptores desde a infância, e formavam-se os monarcas, em letras, filosofia, alquimia, artes, matemáticas, política, e, sobretudo com o aprendizado em várias línguas. Era dessa forma que a monarquia tinha o controle do povo já que, com a informação, colocava-se em uma posição de superioridade e poder total. A habilidade de ler e escrever, bem como o domínio em várias áreas dos conhecimentos, configurava-se como uma ferramenta de domínio e como estratégia de manutenção dos privilégios para estes monarcas.

Assim, desde o início, foi um processo com muita discriminação, lentamente foi se alterando e a leitura foi se expandindo para outras esferas, além das clericais e monárquicas, atingindo os mais diversos grupos sociais, nos quais dominavam os homens e, muito raramente, a mulher. Neste aspecto, a leitura por parte das mulheres era vista como uma ameaça para os homens, pois, se elas adquirissem a habilidade de ler, poderiam enxergar outras possibilidades de vivência, almejando ocupar outras posições, não apenas a função de mães, domésticas, submissas e dominadas pelos homens, tanto moral, social, intelectual, cultural, quanto

fisicamente. Nesse sentido, Fisher (2006) afirma que,

> Enquanto isso surgia, no mundo exterior dos mosteiros, outra forma de leitura que estava associada mais ao entretimento e à diversão, a leitura apenas como meio de passar o tempo, principalmente voltado para as mulheres, talvez nesse momento tenha surgido um novo gênero literário, o romance. (FISHER, 2006.p. 55).

A partir daí, ganha espaço entre os leitores, a leitura do imaginário humano, isto é, as obras de ficção, como os romances, tragédias, epopeias, peças teatrais. Era uma leitura que permitia certa fuga da realidade, estabelecendo interação entre o leitor (individuo que lê) e os textos (objeto lido). O leitor se apossa do texto e passa a fazer parte dele, a vivê-lo em conjunto com as personagens que o constituem.

Entretanto, esta mudança cultural não atinge imediatamente os povos que estavam aqui no Brasil, pois, pelas condições sociais, culturais e tecnológicas, não conseguiram implantar um sistema adequado em nossas terras, uma colônia sem imprensa e sem livros naquela época, praticamente inexiste a história da imprensa no Brasil, o que dificultou a disseminação de práticas de leitura mais intensas e consistentes. Lajolo e Zilberman (2002, p. 9-10), afirmam que “[...] o nível cultural no Brasil colônia era muito pequeno, problema esse advindo da falta de espaços próprios para a sua produção (escolas, gráficas, livrarias e bibliotecas)”.

Eram raros os objetos disponíveis para a leitura, não só na escola, mas nas diversas instâncias sociais, havia poucos lugares onde se poderiam adquirir livros. Somente existiam bibliotecas nas cidades mais populosas e eram poucas pessoas que davam importância à leitura na educação, limitando-se às leituras de folhetins. Porém, essas leituras diárias, mesmo feitas de maneira quase despretensiosas, acabaram fazendo com que o leitor sentisse o gosto pela leitura através de textos informativos e literários.

Assim, nesse período com o romance-folhetim, que estabeleciam estratégias ao sujeito leitor, em finalizar a história ali relatada em um momento de suspense, induzindo a pessoa a ver o próximo capítulo, ou a próxima edição. Esta prática também era destinada aos jornais, incorporadas por iniciativa de alguns editores, geralmente como produções anônimas, que estimulavam a leitura, já que esses textos traziam elementos que despertavam interesse no leitor.

A leitura sempre esteve presente na história da humanidade, seja ela praticada como meio de prazer, para o aprendizado ou por obrigação, na busca de

conhecimento ou como meio informativo. Na atualidade, percebemos que ela se faz mais que necessária, uma vez que a maioria das interações sociais gira em torno de uma língua “escrita” que, por sua vez, necessita de ser lida e compreendida.

Portanto, existem várias informações e inúmeras formas e possibilidades de material para a leitura, como jornais, panfletos, livros, internet, entre outros, para se adquirir conhecimentos e uma leitura prazerosa.

2.1 Leitura e escrita: uma relação interdisciplinar

A leitura e a escrita constituem-se o centro das práticas educativas em nossa cultura escolar, transformando-se em verdadeiros instrumentos para a promoção do aluno ou para legitimar o seu fracasso. Sabemos, no entanto, que, em uma sociedade letrada, em que a escrita se constituiu um fator de interação entre os sujeitos, a leitura é uma forma eficaz de entendimento do mundo.

Nessa perspectiva, desenvolver habilidades de leitura e escrita é um dos processos mais complexos na área da educação e também um dos mais valiosos, já que, por meio dessas habilidades, os alunos podem compreender a realidade na qual estão inseridos, ao serem oportunizados a levantar hipóteses sobre o mundo e os aspectos que o compõem.

O domínio da escrita e da leitura é essencial para que os alunos tenham uma participação social efetiva, pois essas habilidades garantem a comunicação e o acesso a diversas informações. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, ao internalizar tais habilidades nos alunos, a escola cumpre sua função de “[...] garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.” (BRASIL, 1997, p.15).

Ensinar língua portuguesa é uma grande responsabilidade do professor, especialmente, os que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois é, através do domínio da leitura e escrita, que o aluno terá uma maior facilidade para aprender outras disciplinas. Como enfatiza Oliveira (2014),

> A formação de um bom leitor é imprescindível, pois aquele que sabe interpretar bem a palavra supõe-se que interpretará mais facilmente as coisas e os fatos do mundo. Sendo assim, o professor deve exercer, com eficiência, suas práticas pedagógicas relacionadas à aprendizagem da leitura e escrita para que o aluno desenvolva as aptidões que o leve ao hábito de ler, tornando-o um sujeito crítico,

> pensante, inserido de modo dinâmico na sociedade. (OLIVEIRA, 2014, p.1).

O professor deverá assumir uma postura democrática, dando oportunidade ao aluno para descobrir, aos poucos, seus próprios caminhos literários, no tocante à prática da escrita e leitura. Se os componentes de um grupo expressam as suas opiniões, de forma a serem compreendidas por todos os integrantes, pedagogicamente, esse grupo torna-se interessante e criativo. O professor não é a única figura a se destacar, o ideal é que todos os participantes tornem-se importantes com as suas respectivas colaborações.

O educador precisa estar atento ao desenvolvimento dos seus alunos em sala de aula, percebendo as dificuldades e os avanços, sejam individuais ou coletivos. E contando sempre com o apoio, não apenas da turma em que ele aplica as tarefas, mas também é preciso a colaboração de outros segmentos sociais, ou até mesmo das instituições, em suas diversas linhas de ação, com a intenção de despertar na criança o gosto por essas tarefas que podem ser interessantes e prazerosas, a exemplo da leitura e da escrita.

Outro importante aspecto no que tange à leitura é saber lidar com a diversidade de textos. “Os leitores para participarem de atos de leitura de fatos, precisam negociar o conhecimento que já têm e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda” (BRASIL, 1997, p.54). Porém, ainda assim é bom lembrarmos que cabe ao professor sempre procurar dar orientações, numa ação mediadora, facilitadora junto os seus alunos. A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento,

> A seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita, nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. (OLIVEIRA, 2014, p.4).

Nesse sentido, “[...] os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer às crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever.” (BRASIL, 1998, p. 151-152). Compreendendo as análises dos autores,

> [...] chega-se facilmente a uma conclusão inicial, no que se refere à leitura e à escrita, trata-se de um trabalho minucioso; porém, gratificante para ambas as partes, o professor e o aluno, juntos, ambas as partes, o professor e o aluno, juntos, saem satisfeitos pelos resultados obtidos, todos ganham com essa experiência que pode ser prazerosa e recompensadora. (RODRIGUES, 2014, p.3).

Sendo assim, acreditamos que o sucesso da leitura e da escrita na sala de aula, além de ser uma atribuição ao professor, do ponto de vista pedagógico, também deve contar com a participação de outros elementos na construção dessa facilitação para o desenvolvimento de um trabalho eficiente, e esses elementos a que estamos questionando encontra-se, na maioria das vezes, bem próximo da escola, a comunidade, por exemplo. Ela possui um papel muito relevante na preparação desses leitores, fornecendo o material necessário tanto para a possibilidade da leitura, com livros pertinentes ao universo infantil, como também a oralidade, nas histórias infantis contadas pelos mais velhos e que, na maioria das vezes, faz sucesso, atraindo a curiosidade da criança e dando a possibilidade de recriar essas histórias que lhe foram repassadas. Nesse aspecto, é importante dá à criança oportunidade de despertar o seu talento criador.

Redirecionando essa temática para uma evidenciação de uma práxis no que se refere à leitura, Kleiman (1995, p. 126) afirma que o sujeito deve inserir-se em "[...] situações constantes de letramento, sendo isso possível através da utilização de textos que manifestem práticas sociais, quando se trabalha o texto em sua situação de interação social". Também, é importante verificar que o sujeito só demonstrará a função social da escrita quando conseguir escolher, em sua vida diária, como cidadão, o modo de escrita que possa ministrar cidadania em diversos acontecimentos da Leitura e escrita no ensino. (Re) significando o trabalho com gêneros textuais, ou seja, que apresenta as características linguísticas e pragmáticas para sua articulação com o mundo.

A percepção da linguagem utilizada está relacionada também à leitura e escrita, seja como meio de permitir ao individuo adquirir informação ou de viabilizar sua atuação social. Nessa acepção, ao discutir sobre esse tema da linguagem no ensino/aprendizado, as crianças e os jovens, de fato, aprendem a ler e a escrever, de maneira autônoma, e na escola, necessita-se da intervenção do professor para que possa ampliar seu universo em torno da escrita.

Logo, a leitura e a escrita são os elementos da linguagem mais avaliados pela

escola, pois permitem transcrever um equivalente auditivo e visual, e garantir que esses sujeitos desse campo, consigam fazer o uso real em seu cotidiano, nas diferentes situações políticas e sociais. Trabalhar esses conceitos equivale a alfabetizar em suas diferentes funções, como por exemplo, quando se dedica ambas as atividades de maneira interdisciplinar, tendo oportunidade de fazer com que os alunos dialoguem com o mundo da leitura e da produção escrita, com ideias completas e a compreensão das mesmas como atos interativos.

A interação do sujeito com o mundo letrado é fundamental, como afirma Brasil (2012, p.21), “[...] ao realizar atividades que envolvam a reflexão sobre estes aspectos, possibilitamos que as crianças elevem seu nível de letramento e possam fazer o uso efetivo da língua escrita em diferentes contextos sociais”.

Diante disso é importante que o educador, bem como a família possa participar das atividades na escola ou em casa, para ajudar a criança. A partir desse processo de escrita e de leitura o sujeito amplia sua capacidade de decodificar, interpretar e refletir sobre o que está lendo, tirando dúvidas e elaborando conclusões. O professor deve estar sempre disposto e acessível a novos conhecimentos, e quando se trata da escrita, ao se produzir um texto, deve-se primeiro procurar entender sua leitura, no sentido de torná-la fácil sua compreensão para que o aluno se identifique com a elaboração de uma escrita, com uma abordagem significativa em que possa destacar seu conteúdo e sua originalidade, dentro do universo do conhecimento do aluno.

Por conseguinte, a leitura e a escrita são ferramentas básicas de inserção do sujeito no mundo, são elementos articuladores de diferentes linguagens, são instrumentos para interação com diferentes áreas do saber, e são meios de demonstração do sentir e do pensar. Trabalhar a leitura e a escrita de maneira interdisciplinar exercita a socialização, pois a livre expressão pode ser responsável por grandes mudanças sociais.

2.2 Práticas de leitura na sala de aula

A escola tem a função de alfabetizar seus alunos já os envolvendo em práticas sociais de leitura, pois com essa aprendizagem os discentes tornam-se sujeitos ativos em variados mecanismos de leitura, ainda que não esteja totalmente alfabetizados. Desse modo, os professores deveriam valorizar mais as práticas de

leitura em sala de aula, e aplicar atividades variadas, as quais favoreceriam a influência leitora e a compreensão dos textos.

O trabalho com a leitura parece estar em um novo patamar nas escolas nos últimos anos, os educadores compreendem esse conceito em diferentes modalidades como, por exemplo, a leitura pelo professor, pelo aluno, leitura compartilhada e leitura para apresentar aos outros, a leitura com outros que não estão fisicamente presentes, mas estão ali. Entendemos que ler é ter gosto pelo texto, atribuir sentido a ele, reler, comentar, comparar com outras leituras, ouvir o que dizem outras pessoas, dialogar com o outro por meio do texto.

Hoje a leitura é desenvolvida com os alunos na escola em diferentes faixas etárias, e não é mais vista como uma atividade sem grande importância que seria realizada apenas se sobrasse um tempinho no final do dia, ou ainda para que seja feita outra função com base nela. Ao contrário, a leitura vem se tornando uma ação central da aula, ocorrendo diariamente e, com isso, os professores têm mostrado aos alunos que é fundamental o ato de ler.

De acordo com Lajolo (1996, p.28), “[...] a leitura é a estratégia eficaz no processo de ensino aprendizagem, sendo praticada pelos alunos de diversas formas e métodos”. É possível nortear de maneira eficaz muito além das notas das aulas, ajudando os alunos a conhecer diversos gêneros textuais, escritores e suas obras, valorizar diferentes estilos e apreciar textos de qualidade, previamente selecionados pelo educador que compartilha com os educandos os critérios de sua escolha, também sublinha pontos importantes de um texto, e auxilia a compreensão no momento da leitura.

A leitura compartilhada, aquela em que alunos e professor leem, simultaneamente, um mesmo texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido - como exemplo - ao ouvir um conto ou uma notícia, o aluno o interpreta com base em seus conhecimentos de mundo, do que sabe e conhece do gênero ou do autor. Antecipa, durante a leitura, e ao ouvir seus colegas sobre o mesmo texto, ele passa a considerar diferentes pontos de vista e revê os seus, a ponto de modificar, ampliar ou até mesmo reforçá-los.

Nessa perspectiva, a leitura, muitas vezes considerada um ato solitário, constitui-se em uma interação verbal, é um processo de enunciação, vinculado às condições sociais que determinam e constituem os significados percebidos pelo leitor. É o lugar de compartilhar também a leitura do mundo e da palavra, de ampliar

as possibilidades de diálogo. Zilberman (2001, p. 53) argumenta: “Se ler é pensar o pensamento de outros, é igualmente abandonar a própria segurança para ingressar em outros modos de ser, refletir e atuar”. Desse modo, percebe que não é apenas a respeito do que se está lendo, mas, todo leitor tem seu entendimento, apresenta relações específicas com diversos textos, cada leitor tem uma história de leituras e um posicionamento frente a outras.

Bourdieu (2004, p.242) acredita que “[...] as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o significado de que desejariam ver-se atribuído”. Nesse sentido, os universos do leitor, do texto e do autor constituem um diálogo, há relações entre o escrito e o lido dando conhecimentos plurais.

Consequentemente, a escola precisa ganhar mais espaço, com o intuito de dar aos alunos um modelo de leitor com o professor promovendo um intercâmbio de ideias sobre o que foi lido, ao levar em conta que ele é responsável direto pelo ensino da leitura, e que pode refletir sobre a prática, de como foi conduzida, ao se colocar como um agente transformador.

Diante desse referencial podemos entender a importância do ler, em especial da articulação desse ato com a realidade do aprendiz, e é sempre fundamental a compreensão da relevância desse exercício, de escrever ou de reescrevê-lo e transformá-lo através de uma prática consciente.

Para que haja a compreensão da leitura e dos conhecimentos prévios necessários a ela é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura. É fundamental que o leitor tenha um posicionamento crítico sobre o que lê, e, quando isso acontece, ele se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal, com suas emoções, expectativas, seus “pré-conceitos” etc. E é a partir disso que consegue ser tocado pela leitura.

Na sociedade em geral, muitas vezes, o ato de ler ainda não é tão valorizado como deveria ser, mas felizmente é possível notar um movimento que quer dar à leitura sua real importância, aperfeiçoando as habilidades leitoras do sujeito-leitor, mas que muitas vezes sofre interceptações com as idas e vindas da política educacional brasileira. A leitura, portanto, pode dá voz ao cidadão, no sentido de que sua interpretação pode gerar a transformação do mundo, e ela é uma atividade básica no cotidiano do ser humano, é um benefício à saúde mental, trazendo não só conhecimentos, como também pode transformá-lo num processo constante de

aperfeiçoamento contínuo.

Essa atividade de conscientização e questionamento ao que se lê, ao que é oferecido para leitura, faz dos leitores sujeitos ativos dentro da sociedade, uma vez que a função social da leitura é facilitar ao indivíduo a compreensão do mundo e assim, emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Reforça essa ideia a afirmação,

> O ato de ler, na medida em que vem apelar ao receptor por sua vez participação, acaba provocando suas memórias e nelas, suas posturas, seus sonhos, suas opiniões, antes tão encobertos ou desconhecidos por ele próprio. Pensar, pensar, evocar, rememorar as experiências iniciais e posteriores da leitura, por exemplo, são gestos que afetam o ato de ler e o impregnam das vivências de cada um, dando ao leitor a oportunidade, pouco a pouco, de conscientizar-se. (YUNES, 2009, p.23).

Desta forma, a função social da leitura é possibilitar ao sujeito sua liberdade e sua reflexão crítica. Ler é um processo de socialização do indivíduo. Ler, então, é,

> [...] uma descoberta, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas; ampliá-las. Deste contato, desta troca nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida. O ato de ler é um ato de sensibilidade e da inteligência, da compreensão e da comunhão com o mundo: expandindo o estar no mundo, alcançamos esferas de conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos e ampliamos a condição humana. (YUNES, 2009, p. 37).

Afinal, a leitura e a escrita, por seu caráter sócio-histórico-dialógico, preenchem a representação social inerente à linguagem, conforme ressalta Bakhtin (1992, p. 95), ao dizer que “[...] toda palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Por isso, é por meio da leitura, de várias leituras, que o leitor passa a levantar críticas, formular hipóteses e compreender melhor o que está escrito e o que está nas entrelinhas do texto.

O leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto e a palavra escrita, ganha significados a partir da ação do leitor sobre ela, ou seja, um texto só se completa com o ato da leitura, na medida em que é atualizada a temática pelo leitor. Martins (1982, p.30) define leitura como sendo “[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.” Desse modo, a leitura se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de

conceitos do fazer humano, como acontecimentos históricos em relação entre o leitor e o que é lido, atribuindo significados na qual o sujeito estabelece com a própria experiência.

A leitura além de proporcionar a experiência é algo que envolve o leitor de diversas formas com: sentimentos, emoções, sensações, interesse entre outros. A qualquer momento estamos fazendo leituras de tudo a nossa volta, mesmo não executando a leitura formal escrita, todos somos leitores, exemplos esses como a vida familiar, o trabalho, na hora do lazer tudo isso se passam necessariamente pela leitura.

Portanto, quando falamos em leitura, parece que estamos nos referindo a algo subjetivo, no entanto, uma das características da leitura é que ela permite ao indivíduo ter acesso a informações e ao conhecimento produzido no mundo. E, é essa busca de conhecimento que mobiliza o hábito de ler a si e ao mundo em um movimento contínuo, vibrante, apaixonado. Assim se abre o caminho para a unificação dialética das diversas temporalidades e, sujeitos leitores de mundo.

3 O TOPO DA LEITURA PELO CAMINHO DA DIALÉTICA

A leitura pode se tornar mais dinâmica e mais efetiva na sala de aula se a tomamos pelo caminho da dialética. A formação do trabalho docente no interior de uma perspectiva dialética deve ser entendida como uma confluência de práticas política-educativas, uma ação comprometida, ética e politicamente em todas elas.

Nessa perspectiva, o professor deve encaminhar discussão sobre os principais problemas postos pela prática educacional, considerando a condição social e o conteúdo, e elaborar questões problematizadoras mais apropriadas para o desenvolvimento do trabalho. Todavia, ele deve planejar ações e selecionar os procedimentos técnicos mais adequados com vista à efetivação do processo de aprendizagem e à construção do conhecimento científico.

O papel do professor é demonstrar aos seus alunos os interesses pelos conteúdos escolares, e, explicitar seus objetivos, dialogar com eles (alunos), buscando verificar qual o domínio que já possuem e que usos fazem dele na prática social cotidiana. Além disso, deve dar oportunidade aos alunos de demonstrarem suas dúvidas, indagações, curiosidades, enfim, o que eles gostariam de agregar aos seus saberes. O método dialético propõe um pensamento que é baseado nas contradições entre a unidade e multiplicidade, o singular e o universal e é o movimento da imobilidade.

A concepção da dialética é um debate com ideias diferentes, em que um posicionamento é defendido e contradito logo depois e também uma forma de argumentação lógica que surgiu com a filosofia de Sócrates e Platão. Na Grécia antiga, a dialética era a arte do diálogo e um processo de demonstrar uma tese, por meio de uma argumentação lógica na qual são definidos, de forma clara, os conceitos envolvidos na discussão. Com o passar do tempo, o conceito de dialética evoluiu e passou a ser aplicados em diversos campos, como a história, a natureza e o pensamento.

O método do materialismo histórico dialético se deve aos estudos de Marx e Engels que, por muitos anos, analisaram o ser social e suas relações na sociedade. Existem algumas categorias básicas de análise do método dialético, tais como trabalho; práxis; mediação; hegemonia; contradição; totalidade; reprodução, mas vamos utilizar a de práxis, totalidade e mediação, embora elas não estejam

separadas das demais, pois a constituição do ser social, ou seja, do homem, se dá pela imbricação de todas elas.

Os estudos teórico-metodológicos da dialética consideram que nenhum “fenômeno” está isolado. Sem conexão com a totalidade, a realidade social não pode ser compreendida. Para o marxismo o próprio homem que produz sua história, sua existência se constitui por meio de sua relação com a natureza, agindo sobre ela para satisfazer suas necessidades. E à medida que o homem muda a natureza, ele também se transforma porque suas necessidades já passam a serem outras.

Quanto a categoria da mediação podemos dizer que ela não existe em si própria, mas sempre na relação entre elementos, entre o homem e a natureza, na relação teoria e prática, sempre mediada pelo trabalho. No caso específico que estamos analisando, o trabalho do professor medeia a relação entre o aluno e o texto, ele é um mediador na formação leitora dos sujeitos.

A dialética se baseia em quatro conceitos: primeiro tudo existe em um tempo médio, ou seja, tudo é finito e transitório, segundo é composto de contradições, ou seja, como "forças opositoras", o terceiro uma estratégia que consiste em mudar o ponto defendido quando uma força sobrepõe sua força opositora, dá ideia de mudanças quantitativas que levam a mudanças qualitativas e o último é sobreposição e não circular, ou seja, não se trata apenas de um caso de negação da negação, mas a sublimação. Como salienta Konder (1993, p.26) “[...] a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior.”

A concepção moderna de dialética representa um modo de pensarmos e compreendermos as contradições da realidade e sua permanente transformação, tudo existe em constante mudança. Para o marxismo é o próprio homem que produz sua história, sua existência se constitui por meio de sua relação com a natureza, agindo sobre ela para satisfazer suas necessidades. E, à medida que o homem muda a natureza, ele também se transforma porque suas necessidades já passam a serem outras.

Segundo Freire (2004), o homem vive uma relação dialética entre sua realidade e o exercício da liberdade sobre ela. Para o autor os homens são consciência de si e, portanto, consciência do mundo, por que: “[...] são um 'corpo consciente', vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (FREIRE, 2004, p. 51).

Assim, em nosso cotidiano, usamos a dialética mesmo sem o saber, toda vez que conciliamos ideias opostas, em casa, no trabalho, na comunidade, etc. estamos sendo dialéticos.

A educação está também fora da escola, há outras formas de disseminação dos conhecimentos que reforçam a prática pedagógica. Rádios, jornais, revistas, mapas, vídeos, programação governamental, guias turísticos, etc. são instrumentos dos quais se servem os sujeitos fora da escola, mas que precisam ler e interpretar para viverem em sociedade.

A prática da educação deve acompanhar as mudanças tecnológicas e o professor necessita de se qualificar para atender às exigências do novo contexto social em que vive o seu aluno. O processo produtivo precisa que o trabalhador esteja atento, e, neste caso, o educador é o profissional que precisa adequar seu planejamento às novas tendências sem perder a qualidade de seu trabalho. Não dá para improvisar apenas, exige dele novas habilidades, mais capacidade de abstração, de atenção e um comportamento profissional mais flexível.

O conhecimento produzido pela escola é um saber baseado no cotidiano de cada um, nas condições de sobrevivência de cada participante da comunidade. “Educar-se é assumir a consciência dessas suas condições, aliando o trabalho, a sobrevivência e a resistência” (GADOTTI, 2001, p. 165).

O homem dialógico e crítico, tem o poder de fazer, de criar, de transformar. E é esse sujeito discutível que nós queremos despertar através da leitura dialógica, com discussões e debates entre os leitores para assim, tornarem-se críticos, com o poder de transformar o seu meio.

As sugestões de compartilhar a leitura, as histórias, por meio do diálogo sobre uma determinada obra, uma conversa sobre a história, contada pelo verbal (escrito) ou não verbal, são formas dialógicas de trabalhar os textos. O diálogo deve ser conduzido com perguntas abertas, como um convite ao pensamento e à imaginação, e um incentivo a posições crítica e a interpretação do texto e das imagens, indo além do literal. Tenta-se sempre desafiá-las a ir além do ponto em que estão, incentivando-as a pensar em novas possibilidades, a expressar seus pontos de vista e apreciar e compreender os demais.

Entretanto, o objetivo não é o silêncio do ouvinte, mas a fala ao redor da história, trazendo benefícios para a compreensão, o desenvolvimento do vocabulário e da expressão verbal, assim como o gosto pelos livros e pela leitura.

3.1 O prazer de ler

O prazer de ler impulsiona e mantém viva a leitura e o exercício, essa prática deve ser propulsora de novos sentidos e originar diferentes satisfações, em uma condição dialética. Segundo a análise de Cunha (1997), quando a leitura se torna um processo obrigatório, utilitarista, pouco ou nada contribui com a formação de alunos leitores. A autora afirma que,

> A ideia de que a leitura vai fazer um bem à criança ou ao jovem leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impomos à colher de remédio, à injeção, à escova de dentes, à escola. Assim, é comum o menino sentir-se coagido, tendo de submeter-se a uma avaliação, e sendo punido se não cumprir as regras do jogo que ele não definiu, nem entendeu. É a tortura sutil e sem mar 'observáveis a olho nu', de que não nos damos conta. (CUNHA,1997, p.51).

Desde a Educação Infantil o professor deve buscar desenvolver o gosto pela leitura em seus alunos, dando-lhes a oportunidade de criar um mundo imaginário através de atividades práticas, como a hora do conto, teatro de fantoches e diversas atividades que estimulem o prazer de ler, relacionando sempre com a sua realidade. Muitas vezes, quando a criança chega ao ensino fundamental, as escolas destinam o primeiro ano para sistematizar a aprendizagem da leitura e da escrita.

Nos anos seguintes, pressupõe-se que essa aprendizagem esteja concluída e a ênfase passa a ser dada aos conteúdos. Na maioria das vezes todo o estímulo ocorrido na educação infantil é esquecido pelos professores e a criança perde o prazer em ler, nesse caso, torna-se algo obrigatório e necessário para que o aluno seja aprovado no final do ano letivo e o prazer de ler obtido na infância é totalmente, esquecido.

Diante desse quadro apresentado, entende-se que a figura do professor como sujeito ativo nesse processo de formação de leitores é um dos fatores essenciais. E para que isso ocorra de forma satisfatória, a prática de leitura deve começar por ele, o professor deve gostar de ler e demonstrar isso, dar o seu testemunho de amor pela leitura e pela escrita.

No dizer de Frantz (2001, p. 15), O ponto de partida é sempre o "[...] professor-leitor, com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que através do seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar seu

aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura".

O professor precisa ir além, buscar estudar como se dá o processo de aprendizagem da leitura, ler os títulos e obras que indica e conhecer a teoria que embasa a sua prática. Quanto mais o professor lê, mais conhecimento ele adquire, melhorando o seu trabalho em sala de aula. Faz-se necessária a reflexão do professor sobre a sua prática na formação do aluno leitor, pois como cita Freire (1996, p. 39), "[...] é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática".

O educador também deve se preocupar com a forma de propor suas atividades, a sua metodologia. Um dos passos é oferecer diferentes dinâmicas em sala de aula, para que os alunos se envolvam com a leitura e participem ativamente do seu processo de evolução. Caso o professor não estimule e nem crie em sala de aula, um ambiente propício ao desenvolvimento da leitura crítica, essa habilidade não será desenvolvida pelos alunos; então, cabe a ele (professor) criar condições de leitura e de reflexões aos seus alunos, estimulando-os a lerem, explorando seus pontos críticos como leitores.

A leitura crítica precisa ser incentivada na escola pelo professor. Afinal, ler segundo Yunes (1995, p. 188) é "[...] interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida". Sabe-se que esta não é uma proposição nova, ou seja, existe uma busca constante por parte de educadores e pesquisadores deste campo da leitura como prática educativa, como ação que vai ajudar o aluno a se tornar um sujeito crítico em muitas dimensões de sua vida. Conforme assinala Silva (1998),

> [...] ensinar a ler criticamente significa, antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade, os dois lados de uma mesma moeda ou, se quiser, os múltiplos lugares ideológico-discursivos que orientam as vozes dos escritores nos seus textos. (SILVA, 1998, p. 30)

Para que isso ocorra, segundo este autor, os textos lidos devem fazer parte do contexto do aluno e o professor deve propor reflexões profundas sobre o texto. Para a formação de um leitor crítico, não basta trabalhar um texto do livro didático, com as tradicionais perguntas, onde as respostas são encontradas especificamente no texto. É urgente a necessidade da leitura crítica em sala de aula.

Ainda de acordo com Silva (1987), podem ser exemplos de atividades

produtivas e de despertamento para o gosto e hábito da leitura:

> Leituras coletivas ou em pequenos grupos; silenciosa ou em voz alta pelo aluno ou professor; apresentar a ele uma variedade de histórias; ler contos de fadas que apresentem diferentes versões, personagens diferentes ou finais diferentes podem estimular comparações por parte dos alunos, facilitando o pensamento intuitivo e imaginativo. Deixar que os alunos fiquem à vontade para ler. (SILVA, 1987, p. 16).

Com base nas diversas possiblidades de leituras apresentadas no excerto acima, é válido ir renovando o acervo de materiais com livros e revistas de interesse dos educandos. Proporcionar o acesso a livros suplementares para a leitura de lazer, discussões em grupo e em sala de aula, usar livros, artigos de jornal, revistas, quaisquer materiais extras que não reduzam a leitura deles somente à do livro didático, são práticas inerentes ao professor que deseja formar leitores. Para dar mais vida às leituras, pode-se também, dramatizar trechos dialogados das ficções, tornando as aulas ainda mais dinâmicas com o uso das múltiplas linguagens.

Entretanto, esse desenvolvimento depende de convívio contínuo com essas leituras, valorizar e ter disponibilidade de acervo de qualidade e adequado aos horizontes de desejo, e terem tempo para ler, sem interrupções, ter um ambiente agradável. Depois desse percurso, ter oportunidades para se expressar, e compartilhar suas interpretações vividas na leitura. Desse modo, refletimos que, entre o leitor e o texto, se desencadeia um processo de decifração e reavaliação de conceitos absolutamente renovados a cada leitura.

Além disso, segundo Vygotsky (1998, p. 455) é “[...] necessário ao pedagogo conhecer os conceitos, as metodologias, bem como o processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem do aluno, a fim de estimulá-lo ao aprendizado”. Ademais, é fundamental que o professor saiba lidar com novos conceitos ao ensinar seus alunos.

Assim sendo, os docentes têm, num amplo sentido, o desafio de buscar, dentro do processo educativo, formas criativas para cativar e atrair os alunos para o processo de leitura seja de obras contidas na biblioteca escolar ou, quando for o caso, de obras oferecidas por eles (professores) e pelo grupo. Buscar, através das obras, desenvolver leituras prazerosas; usar de recursos didáticos que promovam diferentes maneiras de uso, que incluam a criatividade, criação e adaptação, nas formas de apresentação dos conteúdos curriculares em seus diversos contextos.

Isso confirma a importância da literatura como forma de linguagem que insere o sujeito na sociedade, constituindo-se como atividade que ajuda na reflexão do sujeito e nas suas relações com o mundo, com suas emoções, suas sensações e suas ações. Para tanto, é imprescindível que o ensino de Língua Portuguesa seja organizado de modo que, os alunos sejam capazes de valorizar a leitura como fonte de informação e formação. Mas para ter acesso ao mundo criado pela literatura, no ambiente da sala de aula, a leitura deve acontecer da melhor forma possível e os professores devem estar preparados para o desafio cotidiano de buscar novas metodologias e estratégias para o ensino e aprendizagem configurados nos atos de ler e escrever.

O principal intuito deve ser o de proporcionar situações de leitura e escrita que viabilizem melhores condições para que o ato de ler seja um gesto prazeroso e proporcione a aprendizagem de valores e de conhecimentos. Logo, a leitura sempre é um ato emancipatório, pois está presente na vida dos educandos e dos cidadãos, e todos os dias nos deparamos com ela, isso se torna relevante, imprescindível para o nosso crescimento intelectual, bem como, para a imersão numa sociedade em constante mudança.

Todavia, não podemos esquecer também que, a partir da leitura do mundo e do conhecimento da sua realidade, o leitor exerce uma práxis da leitura - ação, reflexão e transformação crítica do texto, com o objetivo de que as informações adquiridas por meio desse processo tenham significado e relação com o seu contexto, de modo a resultar em uma melhor compreensão, interpretação e conscientização leitora, visando à transformação do leitor e da leitura, estimulando, a partir disso, o prazer de ler.

3.2 Leitura: um movimento dentro e fora da sala de aula

Observa-se, a necessidade da busca constante por novos modelos educacionais, em harmonia com as formas sociais vindas da era moderna. E o educador, por sua vez, precisa está acessível a essas mudanças, adequando-se às práticas inovadoras, incorporando-as à sua metodologia, para melhor interagir com essa nova geração de educandos, que se tem naturalmente acesso e domínio desses recursos.

Assim, o educador amplia as suas chances de ter resultados mais positivos

no que se refere ao desenvolvimento do hábito de ler inserido no processo ensino-aprendizagem. Possibilitará, desta forma, que através da leitura, o ser humano possa conseguir vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem e, com isso, o homem encontra autonomia neste mundo em constantes transformações, construa sua identidade e amplie seus conceitos a respeito da sociedade em que está inserido.

Ao praticarem a leitura os alunos vivenciam um conhecimento exclusivo com a obra, distinguindo seu próprio desenvolvimento, sem cobranças inúteis, como exemplo as fichas de leitura dentre outros. Para Zilberman (2009, p. 39), “[...] a leitura é a descoberta do mundo, associada à imaginação e a experiência individual.”, o que viabiliza a fórmula do aluno e desautoriza os comentários feitos por outros, no caso pelos próprios docentes.

As práticas de leitura no Ensino Fundamental e Médio são pouco valorizadas, encontramos como resultado, junto aos professores, que grande parte deles dedica pouco tempo à leitura em sala de aula, ficando mais preocupados com o “[...] controle de uma aprendizagem preestabelecida pelos livros didáticos, visando à reprodução de regras gramaticais descontextualizadas e, não a produção efetiva de um saber”. (GERALDI, 2008, p. 86-87). Também encontramos que a preocupação dos professores quando trabalham com a leitura, buscam contextualizá-la dentro dos períodos literários ou oferecer aos alunos a biografia dos autores, fugindo de análises ou discussões sobre os textos, o que faz com que o poder e a função da leitura sejam minimizados, prejudicando a formação do sujeito em sua amplitude.

Desse modo, precisa ser introduzido no cotidiano dos alunos, o gosto pelo ato de ler, oportunizando-os o conhecimento do mundo mágico da leitura, mesmo antes da criança aprender e entender os códigos escritos.

Hoje, há várias estratégias do professor se aproximar do aluno e este do mundo da leitura, seja por meio de imagens, filmes, histórias contadas pelos alunos, por pessoas da comunidade, pelo próprio professor. Diante disso, é preciso ter momentos de leitura em sala de aula em que os alunos sejam expostos a essas situações, e é fundamental que os discentes ouçam alguém lendo e que eles mesmos leiam para que outros os escutem e entendam a leitura que fazem.

Vale ressaltar, também, a necessidade de deixá-los comentarem o que ouviram e o que leram, pois, o comentário faz com que a leitura tenha significado e

não uma mistura de série de sons provocados pela decodificação dos sinais escritos sobre a página. E isso contribui para gostar, aprender e ler bem futuramente.

A principal função do professor na aprendizagem da leitura, não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar o seu próprio conhecimento, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, designar condições de leitura não apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros, mas trata-se antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura. Como afirma Martins (1982, p.34) "[...] sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginarias".

Entretanto, para levar os discentes a lerem com frequência e ajudá-los a gostar de ler, o instrutor precisa mostrar lhes que esta atividade pode ser prazerosa e, ao mesmo tempo, útil, e que precisa ser um processo constante, motivador para a eles, que as aulas sejam alegres, em locais e ambientes previamente planejados para esse fim, de modo que levem o aluno a ter interesse pelos livros.

É importante que no decorrer dessa trajetória o aluno consiga ler e compreender o que está lendo, em todo e qualquer nível de complexidade, de forma a tornar-se um sujeito autônomo e consciente, é ler para aprender e ampliar os conhecimentos a partir do lido.

O essencial é fazer da escola um ambiente propício à leitura, buscando meios em que todos possam percorrer para se tornarem cidadãos leitores e oferecendo ao aluno maior chance de êxito como futuro profissional, permitindo desempenhar e lutar por um espaço justo no mundo atual, pois essa prática nos fornece a matéria-prima para superar os desafios que a realidade nos impõe. Silva (1989) diz que,

> […] é necessário que o professor seja, ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado 'Faça o que eu digo (ou ordeno); não faça o que eu faço (porque eu mesmo não sei fazer!). Isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura. (SILVA, 1989, p. 109).

Nessa perspectiva, é necessário que o docente faça mediações que provoque sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, aos objetivos de realização imediata. Assim, segundo Brasil (1997, p.54), "[...]

para se formar um leitor para toda a vida, o hábito, por si só, não se cria".

Desse modo, é importante realizar trabalhos que levem ao gosto de ler por prazer, de modo que os leitores reconheçam a importância dessa prática em todos os momentos e não somente para realizar tarefas escolares. Entretanto, a escola deve realizar trabalho, não só numa perspectiva tradicional, mas que contribuam para o desenvolvimento efetivo do aluno em se tornar um leitor competente e a escola precisa, urgentemente, (re) pensar certas situações em relação à prática de leitura. Conforme enfatiza Souza (2016),

> É preciso diversificação não apenas de textos e objetos dados a ler, mas, sobretudo, das práticas leitoras que são por eles viabilizadas ou contrafeitas, pois é preciso que a memória física, emocional, psíquica e linguística de ouvinte e leitor seja nutrida, abastecida, formada, constituída. Mesmo que em certas ocasiões as crianças pareçam apáticas às práticas de leitura propostas, é necessário que os pequenos tenham direito a elas e possam escolher ou não vivenciá-las em sua plenitude. (SOUZA, 2016, p. 8).

Com isso, torna-se difícil, o discente reconstruir sozinho os contextos ou quadros nos quais fragmentos ou partes façam sentido e se relacionem com um todo coerente. Devemos entender que os objetivos de leitura são diversos e, por isso, para cada finalidade há um conjunto de estratégias específicas para sua realização. Assim, como salienta Solé (1998, p. 71) "[...] mesmo que o conteúdo de um texto não mude, o objetivo com que se lê modifica o resultado da construção de sentido".

Deste modo, o ensino, é necessário para a formação de indivíduos letrados, que sejam capazes de compreender textos de naturezas diversas e diferentes daqueles com os quais estão acostumados, e também ter a capacidade de aprender a partir do que leem. Para tanto, "[...] o leitor deve se discutir sobre seu próprio entendimento, produzir relações entre o que lê e seus conhecimentos já adquiridos, estabelecer generalizações a fim de relacionar o que foi aprendido a outras situações." (SOLÉ, 1998, p. 72).

O professor é o responsável pelo planejamento das atividades de leitura dentro da sala de aula, entendemos que deveriam acontecer em diálogo com seus alunos e suas respectivas leituras. Como salienta Lajolo (1993),

> É nesse diálogo que as atividades de leitura adquirem sentido e podem, agora sim, tornar-se práticas significantes. Libertado da imposição delas, o professor pode, voluntariamente, retornar a elas

> para – senhor de sua disciplina e de seu curso – selecionar aquelas em que mais acredita, descartar outras nas quais não aposta, - reformular todas, balizando-as pelo que conhece de seus alunos e da leitura deles, pelo que conhece de língua, linguagem e literatura, pelo que entende por ensino, por leitura e por escrita e , particularmente, pelo que entende por ensinar Português no Brasil de hoje.(LAJOLO, 1993. pg. 73).

A leitura é muito diversa, e possibilita uma gama de conhecimentos que podem ser adquiridos das mais variadas formas, mas para isso é preciso que o mediador e o leitor se interessem pelo que ela tem a oferecer. É o caso de estudar nas aulas de português, o gosto pela leitura. É uma forma de se expressar de forma criativa e dinâmica os conhecimentos que estão guardados em nosso interior, que muitas vezes precisa de uma simples oportunidade para que ela saia de dentro de nós, deixando marcas de sensibilidade, opiniões que resgatem os valores culturais da sociedade em que estamos inseridos.

O hábito de ler é uma das tarefas mais importantes que o professor pode oferecer para seu aluno no intuito de desenvolver não só o conhecimento disciplinar, mas também estimular sua criatividade, criticidade e consequentemente formar leitores efetivamente comprometidos com a prática social. Hoje, convivemos com uma realidade escolar em que grande parte dos alunos alcança o Ensino Fundamental sem desenvolver a competência de uma leitura clara e concisa. Diante dessa constatação, surge uma questão preocupante na qual, a leitura não tem sido trabalhada de forma prazerosa pelo professor na sala de aula tornando um obstáculo no incentivo e/ou gosto da leitura pelos alunos.

Como podemos analisar, a leitura é uma atividade humana que vai além do que podemos imaginar, o indivíduo tem elemento importante para o convívio social, há forma de mudança, de evolução, que a sua função não se limita a ler e escrever, mas a interpretar, criticar, fazer com que crianças ainda pequenas se tornem cidadãos atuantes e reflexivos sobre as práticas sociais, é a grande importância da mediação, do ensino, do papel mediador do educador e da escola.

Nessa perspectiva, segundo os PCN de Língua Portuguesa, podemos afirmar que,

> A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de

> realização imediata. (BRASIL, 1997, p.36).

Com isso, a escola assume compromisso com o incentivo à leitura, por acreditar que ela é um marco importante para o desenvolvimento dos seres humanos, não somente para a formação intelectual, mas permite a todos o acesso a mundos diferentes, cheios de sonhos e ideias, no qual, a imaginação está livre para voar, inventar e criar, um mundo de magia.

Acreditamos, também, que é preciso, em primeiro lugar, que os mediadores descubram a leitura, e experimentem a condição de ser leitores, como afirma Britto (1999),

> [...] nem todo aquele que sabe ler é leitor, isto é, que leitor significa algo mais que simplesmente saber ler, algo mais que saber enunciar em voz alta ou em silêncio as palavras escritas em linhas corridas (caso contrário, formar o leitor seria sinônimo de ensinar a ler). (BRITTO,1999, p.97).

Entretanto, com os resultados obtidos nesta pesquisa, nota-se que não só na escola observada, mas em termo geral, há um distanciamento entre a prática necessária na formação de leitores competentes e a prática cotidiana real. Durante as aulas, pode-se notar a ausência de ativação de estratégias de compreensão fundamentais para um bom resultado das atividades propostas.

Como exemplo, a falta de definição dos objetivos que se pretende atingir em cada situação de leitura, o que é fundamental para guiar a forma com que se lê o texto proposto e, também a forma como se trabalha os gêneros textuais de forma muito rápida de maneira fragmentada, o que pode não motivar os alunos, além de dificultar a absorção de novas informações.

Assim, há uma preocupação aqui em refletir continuamente a partir dos dados obtidos, de forma a proporcionar um sentido ao objeto de estudo, ao levantar e considerar o quesito, convenções sociais existentes e seu peso para determinadas respostas apresentadas.

3.3 A leitura literária convida

A literatura é o centro que permeia o universo da leitura, e para tanto, nas séries iniciais do Ensino Fundamental II, o aluno deve ter contato mais próximo com os textos literários, dialogando o seu mundo com um mundo de descobertas,

fantasia e aventuras. Faz-se necessário que sejam leituras a serem realizadas sem cobranças, para se evitar o que comumente se vê, progressivamente, com o passar dos anos, nas novas séries, o aluno vai perdendo o prazer por essa prática. Um dos fatores principais dessa desmotivação são as exigências escolares, que pouco contribuem para o interesse pela leitura, favorecendo certo repúdio contra a literatura, que poderia ser um lugar de descobertas e possibilidades.

Dadas essas constatações a partir de observações no Ensino Fundamental II, em aulas de Língua Portuguesa no Estágio Supervisionado e no PIBID, programa do qual fui bolsista, em Caetité-Ba, pode-se considerar a relevância da mediação do professor nas atividades de leitura. É preciso que o educador não exija leituras apenas a fim de avaliar seu aluno, mas que o auxilie a perceber a importância do ato de ler e o quanto isso pode ser prazeroso.

De acordo com Viccini (2011), ensinar o aluno a apenas decodificar o código alfabético é pouco para esse contexto em que vivemos. Alfabetizar tornou-se apenas uma parte do processo educacional dos alunos. O objetivo é formar sujeitos letrados, um termo relativamente novo, mas que explica a necessidade de formar cidadãos capazes de usar a leitura e a escrita no cotidiano. No entanto, na formação do sujeito letrado alguns aspectos importantes são necessários, como: o contato com a leitura e a atuação do professor nesse processo.

De acordo com Pinto (2004, p.13), “[...] o professor deve convidar a boas leituras num tempo em que pouco se lê e, inúmeras vezes se leem mal ou se lêem coisas ruins”. A mediação do professor começa a acontecer, antes mesmo de o aluno aprender a decodificar os textos, ou seja, inicia-se na educação infantil. Quando esse já consegue decodificá-lo, a interação passa a ocorrer de uma forma mais dinâmica, na qual o professor mediador passa a ajudar o novo leitor a utilizar os antigos conhecimentos junto com os novos para realizar atividades necessárias.

O professor é antes de tudo promotor de leitura e formador de leitores. O docente deve ser um profissional comprometido com o projeto de leitura e apresentar estratégias para orientar seus alunos, tornando-se assim, um mediador do processo, abrindo espaços, lançando desafios, valorizando a caminhada dos alunos, desenvolvendo competências nas dimensões cognitivas, emocionais, sensoriais e culturais.

Segundo Freire (1996, p.29), “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz de sua tarefa

docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo". Desta forma, o professor deve assumir o papel de mediador, criando condições estimuladoras e desafiadoras para que os alunos possam refletir e buscar alternativas para solucionar de maneira criativa os problemas que surgem. Conforme ressalta Antunes,

> [...] caberia ao professor um papel radicalmente diferente do que anteriormente exercia: de agente transformador de informações em selecionador dessas informações, seu decodificador, mostrando como descobri-las e selecioná-las e de que maneira transformá-las em saberes. (ANTUNES, 2001, p.12).

Gostar de ler resulta da prática de leitura, pelo contato que se tem com os livros e pelo estímulo que é oferecido aos alunos. Nesse processo, o papel do professor é fundamental, pois é o grande mediador, o ser responsável por selecionar e disponibilizar textos inteligentes e atrativos, ele é o promotor da leitura e formador de leitores. É ele quem criará situações estimuladoras e desafiadoras e assumirá a condição de mediador, funcionando como ponte constitutiva da relação do aluno com as palavras, com a leitura de diferentes formas. Dessa maneira, como afirma Antunes (2001, p.24), "[...] o professor será aquele que se preocupa em ensinar o aluno a ler e compreender um texto e a se expressar com lucidez". É importante também que o professor seja um bom leitor assíduo e crítico. Nesse sentido Lajolo (1986) como afirma,

> Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. (LAJOLO, 1986, p. 53).

Esse depoimento ressalta a importância do papel do professor diante dos seus alunos e o compromisso social que o profissional da educação tem em suas mãos: ser um professor mediador, facilitador e articulador do conhecimento, de modo a levar o aluno a aprender a partir de seus próprios questionamentos. É de grande importância fazer da escola um ambiente que incentive os alunos à prática da leitura, utilizando-se de métodos que almejem o objetivo de se fazer alunos/leitores e críticos, contando com a participação de professores das diversas

disciplinas, já que a leitura está presente em todas as áreas.

> Ler não é apenas mostrar que sabe decodificar as palavras, ler é interagir, é expandir a alma, é prazer, é lazer, é fazer história, é descobrir, é inventar, é viajar. O real sujeito leitor é capaz de descobrir isso na leitura bem mediada. (CANGUÇU, 2013, p.35).

Como supracitado, o professor deve fazer da escola um ambiente propício para o hábito da leitura. Inclusive, trabalhar com métodos, nos quais as aulas tornem-se estimuladoras, e o professor, o colaborador. O hábito da leitura pode funcionar, também, como um exercício de fixação. Porém, boa parte dos assuntos estudados na escola fica apenas no plano da teoria e não há um diálogo com a prática.

Segundo Orlandi (1995), o sujeito leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que está lendo, está colocando suas ideias em prática, para produzir leitura e especificamente garantir seu talento e organizar seu conhecimento. Caminho esse que ajuda a melhorar em todos os sentidos desenvolve o conhecimento em geral e dá subsídios para refletir sobre o mundo e a condição humana.

Ao mediador - o professor - cabe exercer com prazer a profissão, aperfeiçoando-se cada vez mais, pois, segundo Souza e Abrão (2006, p. 162), “[...] a docência é um ato criativo e que dá muito prazer, e o fato de ser professor mediador, ministrar aulas significativas é revigorar-se, é uma atividade que auxilia o crescimento pessoal de cada um.” Com isso, é papel do professor incentivar a leitura para que se tenham alunos cada vez mais leitores.

Porém, a formação do professor se faz necessária para que ele não apenas reproduza o que aprendeu, mas que possa, a partir dos conhecimentos adquiridos, transformar a si mesmo em um novo leitor, a fim de contagiar o educando na tarefa com a leitura. O professor deve saber como trabalhar, para desenvolver habilidades em seus alunos. Nesse sentido, o trabalho com a leitura não pode ser realizado de forma mecânica – modelo em que, o aluno como sujeito passivo e desinteressado, não participar ativamente da realização das aulas.

O professor, desde sua formação, deve ter consciência da importância da sua atuação para a formação de seus alunos. Como afirma Kleiman (1997, p.17) “[...] é necessária uma formação teórica do professor na área de leitura.” Para que esse,

além de considerar sua importância, não perpetue as práticas de ensino que são desmotivadoras tanto para os alunos, como para os professores. O trabalho de mediação do professor deve ocorrer, independentemente da disciplina trabalhada, podendo ser realizado com qualquer texto, de qualquer disciplina. Independe do gênero literário e assunto, pois a mediação é um processo de orientação, que deve ocorrer a todo o momento. Transformar o aluno em leitor ativo significa que esse deve conseguir compreender o texto e utilizá-lo para desenvolver outras potencialidades, passando dessa forma a ser um leitor ativo.

Para que isso ocorra, são necessários professores comprometidos com a prática pedagógica, que incentivem o exercício da leitura e façam uso dela em sala de aula com a finalidade de desenvolver novos leitores. O papel de incentivar a leitura com o intuito de formar sujeitos letrados não cabe apenas ao professor, mas a missão de incentivar o uso dessa e de fazer a mediação em sala de aula é exclusiva dele.

Haja vista que o professor pode estimular a leitura nos alunos ao utilizar dos recursos que a escola oferece como ferramentas no seu trabalho pedagógico. A ausência da prática de atividades de 'leitura-mediada', traz consequências na formação do aluno que, muitas vezes, tem a sua educação comprometida, não se tornando um sujeito com o hábito da leitura, portanto, letrado.

A ampliação do conhecimento do aluno é um processo que vai sendo guiado pelo professor através da mediação. São diversas as estratégias de mediação na qual o professor pode desenvolver. Por exemplo, leitura tutorial, compartilhada, reconta, previsões sobre o texto e outros. Todas essas atividades contribuem para a formação de um sujeito letrado. Essas atividades são baseadas no contexto, onde se deve "[...] buscar caminhos apontados pelo próprio texto em suas relações dialógicas com outros textos", afirma Cereja (2005, p. 166).

Os tipos de letramento podem variar de acordo com o contexto social e com a cultura de cada indivíduo. De acordo com a mediação do professor, também pode variar o tipo de letramento que esse alcançará com seus alunos. Ou seja, a mediação exercida pelo professor define não apenas a ampliação do conhecimento do aluno, mas qual nível de letramento esse alcançará. Para que o aluno seja um sujeito letrado, é necessário que ele seja capaz de compreender um texto, criticá-lo e reelaborá-lo de acordo com sua realidade. Para Boberg (2012, p.4), "[...] fazer um estudo comparativo entre textos de diferentes períodos e com diferentes enfoques".

Dessa forma, a mediação do professor deve caminhar para esse resultado.

Nesse contexto, a prática pedagógica deve estar baseada na mediação do ensino em todos os momentos. O professor tem uma função primordial nesse processo de mediação entre aprendizagem e prática de leitura. Como já vimos, o papel do professor como mediador tem uma forte influência na formação do aluno crítico que será um sujeito leitor. Porém, não é apenas a mediação do professor que contribui para a formação do aluno, conforme defende Martins (1994, p.32): “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar aprendizagem conforme seus próprios interesses, exigências que a realidade lhe apresenta.” Destarte, tanto o professor mediador, quanto o aluno leitor, tem papeis distintos e importantes em seu caminho de leitores.

Ainda como diz Martins (1994, p. 32), “[...] criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros”. O trabalho de mediação exige conhecimentos linguísticos e de mundo, deve ser visto como uma atividade social e dinâmica, que propicie meios para que o aluno se torne um sujeito leitor ativo, a partir não apenas do papel do professor, mas também, da escola. Entretanto, o trabalho com a leitura deve contribuir para que o aluno tenha contato com diversos tipos de linguagens nos variados contextos e dessa forma contribuir para o desenvolvimento da leitura, oralidade e escrita. O tópico seguinte, defende a leitura como formadora de uma práxis educativa.

4 A LEITURA COMO FORMADORA DE UMA PRÁXIS EDUCATIVA

A descoberta do prazer da leitura deve acontecer nos primeiros anos de vida do indivíduo, primeiro, o incentivo em casa, pelos familiares, e depois, na escola, complementando o ciclo. Freire (1989) defende a ideia de que a leitura e a escrita exercem papéis fundamentais sobre nosso desenvolvimento social e crítico, afirma também que "[...] o ato de ler é realizado desde os primeiros meses de nossa vida, essa leitura pode acontecer com os nossos olhares, o fato que, essa primeira leitura vai evoluindo com nossas aprendizagens". (FREIRE 1989, p.11).

Martins (1994, p.23), afirma que a concepção de "[...] leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento". Sobre o ato de ler, ela traz a seguinte consideração,

> É preciso, então considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido. (MARTINS, 1994, p. 30).

A leitura é uma atividade que não corresponde a simples decodificações simbólicas, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se está lendo. Sobre essa relação entre o texto e o leitor, vemos em Freire (1989, p.12) que se a "[...] leitura de um texto é tomada como pura descrição de um objeto [...]", apenas a memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Assim, Freire (1989) enfatiza,

> Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. Isso significa que a leitura está além da decodificação. (FREIRE, 1989, p.12).

O sujeito leitor deve lutar para adquirir intimidade com os textos e descobrir suas potencialidades que é uma imensa responsabilidade sobre quem conhece e utiliza a força da palavra. Entretanto, a leitura é um ato que depende de estímulo e de motivação contínua. A leitura é um processo interativo e para desenvolvê-la necessita-se de uma relação dialógica entre o que está sendo lido com o

conhecimento de mundo de quem lê. Portanto, para compreender um texto, o leitor utiliza o conhecimento prévio, que é constituído por todas as informações adquiridas ao longo de sua vida, pois através desses conhecimentos o leitor pode formar as hipóteses para atingir a coerência completa, facilitando, assim a compreensão.

Dessa forma, ler é atribuir sentido ao texto, relacionar o contexto com o contido, intermediado pelo olhar do sujeito leitor, isto é, as relações intertextuais e extratextuais, considerando-se os diversos níveis de conhecimento de quem ler. Ao concordar com Freire (1989), Kleiman (1992, p. 13) afirma que a concepção de leitura é um “[...] processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto". Por essa visão, o ato de ler caracteriza-se por seu método ativo e interativo.

Logo, existem vários conceitos em torno do termo leitura, com uma abrangência significativa, visto que quando desenvolvida adequadamente, reflete na formação e constituição de sujeitos conscientes e participativos. Nesta perspectiva a escola precisa, cada vez mais, formar leitores, pois a leitura é algo indispensável para o processo de aprendizagem do ser humano. Através dela podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar a interpretação e o raciocínio.

Ler é, portanto, uma ferramenta indispensável para a formação integral do indivíduo que, ao dialogar com o texto, as informações são interiorizadas, filtradas e analisadas, passando esse conhecimento a ser parte do universo pessoal. Ademais, a leitura pode possibilitar ao sujeito ser independente, capaz de formar opinião sobre o mundo, inclusive de si mesmo, reconhecer as qualidades, defeitos, erros e acertos de suas ações.

Segundo Abbagnano (1998, p. 912), a leitura das palavras marxianas “[...] indica o horizonte prático como o *locus* da educação, na qual não apenas o educando é o ser que se educa, mas em meio à qual o educador também teria de se educar”. Entretanto, essa educação não seria a do espírito ou do corpo, tomado como interesses e isolado no homem e na mulher, mas, sim, uma educação entre eles em suas integralidades, totalizados como corpo-e-mente, entre outros.

Desse modo, práxis é uma concepção teórica, que não promove a dicotomia entre consciência e matéria, teoria e prática, sujeito e objeto, mas os posiciona em contextos relacionais, interativos, interdependentes. Essa perspectiva é interessante, pois ela rompe com idealismos garantidores do entendimento de que a informação,

o conhecimento e o saber são criados apenas pela consciência.

A prática educativa assentaria na necessidade de educar seres humanos revolucionários, não só na escola, mas também fora e, conforme Correia; Carvalho (2012, p. 76) “[...] permite compreender a produção epistêmica e o ato de educar como práticas sociais, realizadas conforme as condições objetivas e subjetivas que homens e mulheres encontram no decorrer da história que protagonizam.” Na sequência eles salientam que,

> Nesse processo, conta o que é vida real e o que homem e mulher são concretamente, como seres ativos e produtivos que não se relacionam com a natureza e com seus objetos de maneira mecânica, mas dialética [...] A importância da práxis no processo de produzir conhecimento por meio da pesquisa, tanto quanto mobilizar o saber produzido nos processos de investigação epistêmica no ensino e nas ações concretas em meio à sociedade, à realidade, incessantemente investigadas pelos profissionais da educação. (CORREIA; CARVALHO, 2012, p. 77).

Nesse sentido, Konder (1993, p. 115) argumenta que “Práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e para poderem alterá-la, transformando-se em si mesma.”. Todavia é com a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. E com isso, é utilitário, à medida que oferece conteúdo, intencionalidade, objetivos e metas às atividades daqueles que lidam com o planejamento, a execução e a avaliação do ato educativo.

Refletimos também a mediação, que significa “[...] a condição de possibilidade do fazer *professoral*, qualificando os conexos humanos e as relações com o mundo natural e da cultura que os docentes vivenciaram na condição de sujeitos produtores de bens simbólico-culturais.” (CORREIA; CARVALHO, 2012, p. 78).

Pio; Carvalho; Mendes (2014, p.8) afirmam que “A práxis educativa freiriana refletiu a ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” É possível afirmar que esse método favorece a uma mudança da consciência humana da estrutura social e a uma aproximação crítica, reflexiva da realidade estudada. “A práxis é a pedagogia dos homens empenhados na luta por uma pedagogia humanista e libertadora.”(PIO; CARVALHO; MENDES, 2014, p.8).

Segundo Freire “A práxis se constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis de consciência oprimida” (FREIRE, 1987, p.53). Portanto

a formação de cidadãos progressistas é possibilitada pela conscientização das massas populares por meio de um método pedagógico baseado no diálogo, e participam avidamente da transformação de um indivíduo, buscando soluções para os problemas pessoais e coletivos.

4.1 A *práxis* e a leitura emancipatória

O conceito de *práxis* pode ser simplificado na relação entre teoria e prática. A práxis é a consciência política de uma prática, é uma teoria aplicada na análise crítica das ações humanas. Uma *práxis* educativa é aproximar a teoria da prática, não que essa exista em função daquela, mas a partir das necessidades objetivas para entender o seu caráter teórico, ou ainda, refletir criticamente os atos para repensar uma nova prática, interferindo nos resultados finais de forma a torná-los melhores. A partir do exposto, podemos dizer que categorias como *totalidade, práxis e mediação* são tomadas do método dialético a fim de que a realidade seja considerada como totalidade concreta.

A *práxis* da leitura também tem como finalidade fazer com que a leitura esteja cada vez mais próxima do mundo do leitor, ajudando o sujeito na apreensão crítica da sua realidade. A leitura é o ato de concepção e de significados, não sendo somente um processo mecânico de repetição e decodificação. O sujeito não pode se limitar somente à parte teórica, mas ele deve ser direcionado para uma atividade prática e critica, em que a consciência do leitor atue na identificação dos fundamentos que estão presentes no ato de ler, e que influencie o modo como ele compreende e interpreta o texto. Como salienta Freire (2006),

> A leitura de um texto exige agora uma leitura dentro do contexto social a que ele se refere. Assim, o indivíduo poderá chegar a uma compreensão e interpretação do texto se apropriando através do entendimento, uma ação da práxis como fonte de conhecimento reflexivo e auxilie na aproximação e transformação dos mundos do leitor e do texto, diante do processo educacional da leitura. (FREIRE, 2006, p.105).

Como dito anteriormente, a leitura é uma atividade que não corresponde à simples decodificações simbólicas, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que realmente está lendo. Segundo Freire (1989, p.17), “[…] a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-lo, nem é

real leitura, nem dela resulta, portanto, o conhecimento do objeto de que o texto fala".

No que diz respeito à relação entre os sujeitos que participam do ato da leitura, seja professor ou aluno, seja no processo ensino ou aprendizagem, podemos afirmar que a hipótese que levantamos acerca do objeto de estudo e que a leitura amplia e diversifica as visões e interpretações sobre o mundo como um todo e de que o professor deve ser um dos sujeitos responsáveis pela mediação da leitura em sala de aula, é uma real necessidade. Além disso, destacamos também que ela é uma importante atividade para a aprendizagem humana, pois, através da leitura crítica, há o enriquecimento dos conhecimentos e maior capacidade comunicativa.

Segundo Kleiman (1989, p. 151) "[...] faz-se necessário repensar o ensino de leitura na escola [...]", isso após avaliar como a leitura está sendo oferecida ao aluno e como ele a recebe. Assim, para contribuir com o desenvolvimento do indivíduo deve-se ter consciência da responsabilidade de cada um dos participantes do processo e observar como desenvolver melhores formas de lidar como a leitura para que se construa esse hábito de forma positiva nos alunos.

Porém, em se tratando dos leitores de mundo dentro da escola, o papel do professor mediador não é uma tarefa fácil, pois exige que ele estabeleça propostas que possam conhecer com que tipo de leitor está lidando. Nesse sentido, fatores importantes são apresentados para se pensar sobre o papel do professor como mediador da leitura. Segundo Carla Gabriele Viccini (2011, p.3) "[...] para esclarecer o papel do mediador, é preciso, inicialmente, descobrir que leitor somos, ou seja, os livros de que mais gostamos, as histórias que nos comovem ou nos inquietam, e o motivo de tais escolhas em detrimento de outra". Esse já é um passo importante que o mediador pode propor ao leitor.

Além disso, tal descoberta é essencial em uma roda de leitura, e ainda como afirma o autor citado anteriormente, "[...] o mediador precisa transmitir a leitura de maneira prazerosa, encantando o participante que ali está, para que assim ele sinta interesse em ler o que lhe é oferecido." (VICCINI, 2011, p.3). E, a partir de então, o leitor em formação já se sente motivado a querer buscar cada vez mais o mundo da leitura.

O ato de ler é emancipador quando nos permite observar a vida através de muitos outros olhares. Antes da inserção da criança na escola, percebe-se um conhecimento adquirido ao longo da sua trajetória através do seu desenvolvimento

cultural por meio da experiência com a cultura socialmente organizada, seja com a família, com os amigos, na igreja, enfim, com a aprendizagem vivenciada nesse contexto. E esse processo deve dialogar com a nova experiência que ocorre na escola, em que a aprendizagem vem por meio de um ensino que estimule o desenvolvimento do aprendiz leitor.

Ler, na maioria das vezes, para muitos, torna-se uma atividade exaustiva e fatigante que, em alguns casos, desmotiva até os educandos mais ávidos. E por isso, surge então, a necessidade de resgatar o interesse pela leitura discursiva, associando-a a novos espaços significativos ao exigir que o docente encontre possibilidades de agregar diversos métodos, recursos e técnicas como artifício, incentivando o ato de ler no contexto de práticas pedagógicas, prazerosas e expressivas, instigando a formação de leitores críticos, conscientes.

Não mais trabalhar a leitura apenas como um processo de decodificação e sim, despertar no aluno, a importância desse ato na construção de sua identidade para atuar com habilidade e competência. O papel fundamental da leitura no desenvolvimento de habilidades possibilita a emancipação do ser humano, e com isso estamos cientes da necessidade dessa prática no nosso cotidiano. Desse modo, a escola deve ter esse compromisso com a formação de leitores emancipados, já que é um espaço adequado para a conscientização do ato de ler.

Nesse sentido, o conceito de emancipação se aproxima também com o de conscientização, pois remete a ideia de que a partir das experiências passadas do sujeito, cria-se uma nova visão do mundo social e de si mesmo, e as transforma em conhecimentos.

Afinal, os ensinamentos de Freire (2002, 63-64), servem como parâmetros quando se “[...] entende que é na ação que educadores e educandos encontram soluções, esta tarefa de desvendar e criticar situações para recriá-las, por meio da conscientização de si mesmos enquanto sujeitos em ato”. Assim, é fundamental que a escola se comprometa com a aprendizagem crítica dos conteúdos de ensino.

A importância do professor na sociedade, ao estabelecer estratégias numa visão emancipatória, contribui para este objetivo. O professor assume, então, o papel de mediador de informações, e possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica emancipatória.

De acordo com Freire (1989, p. 13), “[...] linguagem e realidade precisam ser relacionadas dinamicamente e a experiência de vida dos alunos ser valorizada”. Não

basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, é compreender, interpretar, relacionar o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos.

Entretanto, é possível afirmar, a partir do recorte aqui realizado, que os discentes leem quando os textos apresentam significados para eles. A leitura significativa e contextualizada, que leva em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem contribui muito para uma melhor e mais agradável aquisição do processo de leitura.

4.2 A leitura mediada

Vygotsky (1998) considera de grande relevância a relação entre aquele que orienta e o aluno leitor, para que esse torne-se, cada vez mais, um sujeito ativo e crítico diante da sociedade. A parceria entre professor e aluno (ambos leitores) deve ter como intuito o incentivo à leitura de qualidade, como instrumento de ação, reflexão e mudança.

Vários autores têm se preocupado com o assunto da leitura, em especial da literária, Zilberman (1986), é uma das que defende a ideia de se oferecer a literatura como uma das propostas de leitura ao aluno. Em seu texto *A leitura na escola*, a autora diz que “A leitura é uma descoberta de mundo e sua interpretação vai depender das experiências de cada um, sendo então mediadora entre o ser humano e seu presente.” (ZILBERMAN, 1986, p.21).

A autora expressa em sua fala que todo indivíduo que está apto a desenvolver a habilidade de ler, precisa de estímulos para que isso aconteça. Criar oportunidades desde a infância, desenvolver a leitura crítica e interpretativa, adquirir o hábito de ler em seu cotidiano. Além disso, o incentivo dos familiares ao presentear as crianças com livros para manusearem e até criarem suas próprias histórias são alguns critérios fundamentais para estimular o interesse pela leitura.

Esta situação é favorável ao desenvolvimento da habilidade e do hábito de ler quando o próprio professor gosta de leitura, devido a sua expressão e emoção acerca do que foi lido, através de suas experiências fomentará nos alunos o desejo de ler. Tendo como princípio a orientação à escolha de livros adequados de acordo com o interesse e a faixa etária. O papel do professor nessa compreensão é de mediador entre o livro e o aluno, um elo essencial dentro da sala de aula, que vai favorecer maiores conhecimentos, portanto, ser aquele que abre novos caminhos

para os aprendizes da leitura.

Conforme entendimento de Garcia (1992, p. 37), ao analisar a leitura no Ensino Fundamental, “[...] mediar a leitura é ler com o leitor, construindo uma experiência de significação que seja a soma de todas as histórias das leituras individuais”. E ainda completa,

> Mediar à leitura não é ler paternalmente para o leitor, como se a leitura do professor fosse à única, a mais completa e correta entre todas. Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único, a saber, o caminho, é estar presente mesmo que sutilmente ausente, é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo, e nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior. (GARCIA, 1992, p. 37).

A leitura mediada deve ser uma constante no ambiente escolar, levando o aluno a ter contato com várias obras que auxiliam o seu desempenho em relação a atividades futuras. O ato de ler precisa levar a criança à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetição de informações, para que assim, criticamente, ocorra a construção do conhecimento e a compreensão de qualquer outro texto.

É por essa razão que a vivência professor – aluno é colocada no centro do conhecimento e aprendizagem, devendo aquele, ser o mediador desse encontro; ser ainda o provocador de discussões, reflexões ou novas práticas. E a escola possui um importante papel ao enfocar as atividades de leitura, mas não como uma “ação mecanizada”, descontextualizada, que venha comprometer a construção de sentido e o prazer da leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado deste trabalho espelha a própria natureza do objeto pesquisado, qual seja a leitura dentro e fora da sala de aula, atendendo às necessidades dos educandos e educadores. A pesquisa bibliográfica dialogou com as experiências acadêmicas de uma pesquisadora em formação, ora confirmando ora questionando suas próprias descobertas e contradições.

O estudo mostrou que é através das estratégias de mediação em sala de aula que o aluno vai se tornando um sujeito letrado. Essas práticas, independente de disciplina ou conteúdo, devem estar baseadas de forma efetiva nas estratégias de mediação. É com ela (a medição) que o aluno desenvolverá o hábito da leitura e se tornará um sujeito leitor ativo e equilibrado.

É perceptível, ao longo das pesquisas, que a leitura sempre esteve presente na história da humanidade, seja ela praticada como meio de prazer, para o aprendizado ou por obrigação, na busca de conhecimento ou informação. No entanto, esta é uma questão atual, por isso que a dificuldade com a leitura ainda está no topo das preocupações educativas. Existem inúmeras formas e possibilidades de leitura e o professor, como mediador dessa ação, precisa está atento às necessidades dos educandos.

Diante dessas necessidades, deve-se trabalhar leitura e escrita de maneira interdisciplinar, dando oportunidade aos alunos de interagirem uns com outros e com o mundo, dentro e fora da sala de aula, ampliando suas ideias a partir das múltiplas possibilidades de leituras.

Entendemos que a importância do ato de ler, de escrever textos, reescrevê-los e transformá-los, através de uma prática crítica e consciente em especial da articulação deste ato com a realidade do aprendiz é sempre fundamental e pode resultar em algo prazeroso.

Percebemos enfim, que o diálogo entre professor e aluno deve ser conduzido com perguntas abertas, convidando ao pensamento e à imaginação, incentivando a posições crítica e a interpretação do texto e das imagens, indo além. Essa prática é motivadora e incentiva a pensar em novas possibilidades, a expressar seus pontos de vista e apreciar e compreender os demais.

Todavia, não podemos esquecer também que a partir da leitura do mundo e do conhecimento da sua realidade o leitor exerce uma práxis social da leitura, ação,

reflexão e transformação crítica do texto, com o objetivo de que as informações adquiridas por meio desse processo tenham significado e relação com o seu contexto, resultando em uma melhor compreensão, interpretação e conscientização leitora. Assim, é fundamental que a escola se comprometa com a aprendizagem crítica dos conteúdos de ensino e o professor tem a função de mediar o ensino/aprendizagem, estabelecendo estratégias que proporcionem uma visão crítica e emancipatória dos sujeitos envolvidos.

Diante dos resultados, percebemos o quanto é necessário que haja métodos inovadores na sala de aula, que o ensino de literatura, como as demais áreas do saber possam mostrar a capacidade de se trabalhar à educação de forma lúdica, pensando na aprendizagem de nossos alunos, demonstrando uma possibilidade de aproximar o ambiente escolar no cotidiano de cada um, tornando assim um método de ensino diferenciado.

Almejamos, enfim que a leitura seja um tema corriqueiro, principalmente nos cursos de Letras. Nesse sentido, é preciso pensar que a leitura extrapole o espaço da sala de aula, e sirva para a vida de cada educando, principalmente nos dias atuais em que o mundo vive um *boom* tecnológico e de informações vindas de toda parte e em todo momento, superando as expectativas e o legado que a era de Gutemberg nos deixou. É preciso filtrar e administrar tudo que é oferecido no campo da leitura, é nesse contexto que se insere a importância do professor como mediador para conduzir os passos dos novos leitores. Assim, nós, enquanto concluintes do curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura, futuros professores, temos a responsabilidade de fazer a diferença e estar consciente do nosso papel social.

6 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAKHTIN, M (V. N. Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**: 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

BOBERG, Hiudéa Tempesta Rodrigues. **Leitura literária na sala de aula: propostas de aplicação:** 1.ed. Curitiba, PR:CRV, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos sobre a Educação.** NOGUEIRA, Maria Alice & Catani, Afrânio (orgs.) 6ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Departamento da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Conhecimento de Mundo. Brasília, 1998. V. 3, p. 151-152.

BRASIL. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo inclusivo: **o direito de ser alfabetizado**: ano 3 unidade 1. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa - Brasília, 1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI Paulo (org.) **A Formação do Leitor – pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

CANGUÇU, Talwane Vieira. **O papel do professor como mediador de leitura para o letramento**. Brasília/DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso ‐ Graduação), 2013. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6281/1/2013_TalwaneVieiraGangucu.pdf. Acesso em: 10 jul. 2018.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

CORREIA, Wilson; CARVALHO, Iolanda. Práxis educativa: tempo, pensamento e sociedade. **Revista Portuguesa de Educação**, 2012, pp. 63-87. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v25n2/v25n2a04.pdf. Acesso em: 30 ago. 2018.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática.** São Paulo: Ática, 1997.

FISHER, Steven Roger. **Historia da Leitura.** Trad. Claudia Freire. – São Paulo. Editora UNESP, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo**. Aprendendo com a própria história** Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**: um estudo introdutório. 12. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau.** São Paulo, Edições Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2008.

KLEIMAN, Ângela. **Os Significados do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 2. ed. Campinas: Pontes: Unicamp, 1992.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. **O texto em sala de aula**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil.** 1. São Paulo: Ática, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Soleno Rodrigues de. A Prática da Escrita e da Leitura nas Séries Iniciais. **Só Pedagogia**, 2014. Disponível em: http://www.pedagogia.com.br/index2.php . Acesso em: 20 agost. 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

PINTO, Júlio Pimentel. **A leitura e seus lugares**. São Paulo: Estação Liberdade,

2004.

PIO, Paulo Martins; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; MENDES, José Ernandi. Práxis e prática educativa em Paulo Freire: reflexões para a formação e a docência. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores**. EdUECE, 2014. Disponível em: http://www.uece.br/endipe2014/eboks/livro2/PR%C3%81XIS%20E%20PR%C3%81TICA%20EDUCATIVA%20EM%20PAULO%20FREIRE%20REFLEX%C3%95ES%20PARA%20A%20FORMA%C3%87%C3%83O%20E%20A%20DOC%C3%8ANCIA.pdf .Acesso em 30 de jun. de 2018.

RODRIGUES, Soleno. A prática da escrita e da leitura nas séries iniciais. **Recanto das Letras**. 2014. Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/4080710 . Acesso em: 20 agost. 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e leitura: ensaios**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA Renata Junqueira de. **Série Literatura, Leitura e Educação Infantil.** (Org.). - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

VICCINI, Carla Gabriele. **Professor mediador, aluno leitor**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, novembro de 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**.** In: VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Rio de Janeiro Editor da UFPR, 1995.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

ZILBERMAN, Regina (Org.). A leitura na Escola. In: **Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.) **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. 1ª ed. São Paulo: Global Editora, 2009. (Coleção Leitura e Formação) p. 17-37.